



O autor é coordenador da pastoral universitária, professor do depto. de Teologia da PUC-Rio e membro da equipe ampliada do CEI-Itaici.

1. Como afirmava S. Paulo: “Eu vivo, mas já não sou eu; é Cristo que vive em mim!” (Gal 2,20).

“Criados para servir à maneira de Cristo”: Elementos para uma teologia vocacional inaciana

ALFREDO SAMPAIO COSTA, SJ

Introdução

Falar de “Vocação” é penetrar em um mundo espiritual repleto de apelos, interpelações, relações de amor, indecisões, generosidade, escuta atenta. Implica adentrar em um rico emaranhado de relações. É considerar cada pessoa como sendo destinatária de um Apelo Divino, habitada por um Espírito, o Espírito de Cristo. Ao buscarmos resposta para a inquietante pergunta “O que queres que eu faça?”, preocupados com definir lugares, situações, trabalhos que teremos que desempenhar, acabamos por nos esquecer que a nossa vocação fundamental é vivermos conforme o Espírito de Cristo, que determina de tal modo o homem que este passa a ser, por assim dizer, um prolongamento, uma memória, um remeter-se a Jesus Cristo mesmo¹.

Ser homens e mulheres espirituais é viver toda a existência assinalada profundamente por essa relação fundamental a Cristo. Essa relação é sempre passível de ser aprofundada, enriquecida, re-alimentada, re-cuperada, na linha vibrante do “*Magis*” que ardia sempre no coração de Inácio. Era esse desejo de identificar-se mais e mais a Cristo — “para mais amá-lo e segui-lo”- que desencadeava no coração de Inácio — e hoje em todo aquele que se aventura nesse itinerário inaciano — uma sadia tensão entre “o velho e o novo”, termos que expressam uma referência à vida concreta do homem: “Antigo” é o termo que se refere a Adão e indica o homem pecador, que rejeita a Deus. Já “Novo” refere-se primeiramente a Cristo.

É em torno desses dois termos em uma oposição dialética na existência concreta que cada um experimenta o apelo a se

tornar “homem espiritual”. Por isso à raiz de todo desejo de corresponder à Vocação, encontra-se a experiência da conversão, da re-orientação da vida passada, da sua Re-novação: do Antigo para o Novo! O “Antigo” é tudo aquilo onde se manifesta o homem pecador, também no que diz respeito ao nível social e político e que atinge todo homem. “Novo” é o que expressa o ser do homem quando se assimila a Cristo, assumindo viver uma existência espiritual, tornada possível pelo Espírito de Jesus, segundo a sua verdade.

Situar a vocação nessa dialética nos impedirá de acomodarmos depois de termos descoberto a nossa vocação. De fato, o que se observa por todas as partes é que, depois que a pessoa descobriu qual é a sua vocação, a partir desse momento, parece que não está mais tão atenta àquilo que o Senhor deseja dela e o processo de identificação com Cristo sofre uma desaceleração, quando não uma estagnação total. Devido às várias preocupações da vida cotidiana, é fácil esquecer que a dialética do “antigo” para o “novo” não pára nunca, mas está sempre presente, operante em nós. Por isso a conversão não é nunca um momento isolado no tempo e no espaço. Quanto mais a autenticidade da experiência de Deus se faz profunda, mais a pessoa se dá conta da necessidade de uma conversão mais profunda, de quanto Deus teve que trabalhar duro para conseguir atraí-la a Ele. Assim que a conversão, como itinerário, é um caminho para toda a vida, do antigo ao novo. É um caminho rumo à liberdade interior: aquele que vive em Cristo é nova criatura que vive a liberdade espiritual².

A luta pela liberdade não se realizará sob a marca do voluntarismo, mas sob o sinal do Espírito, que se caracteriza por reunir em si a força e a suavidade³.

A grande contribuição de Santo Inácio para a História da Espiritualidade foi precisamente ter vinculado de modo indissolúvel a experiência do Espírito ao reconhecimento, através dele, da vontade de Deus, articulando assim as moções interiores com a gênese da liberdade⁴.

O nosso itinerário, nesse artigo, se desenvolverá da seguinte forma: em um primeiro momento, consideraremos a abertura radical da pessoa humana como condição de possibilidade anterior à vocação pessoal. Em seguida, estudaremos o binômio “chamado-resposta” principalmente a partir do Exercício do Rei

2. Cf. 2Cor 5,7: “Todo aquele que está em Cristo é uma nova criatura. Passou o que era velho: eis que tudo se fez novo!”.

3. Jean Laplace, *El camino espiritual a la luz de los Ejercicios Ignacianos*, Sal Terrae, Santander 1988, 66.

4. Santiago Arzubialde, *Ejercicios Espirituales de S. Ignacio. Historia y Análisis*. Mensajero-Sal Terrae, Santander – Bilbao 2009, seg. ed., 454.



5. Trata-se de um tema delicado, pois implica discernir as noções teológicas fundamentais de Inácio sobre o fim do homem, as relações entre liberdade e graça, a Criação e a Redenção, entre o natural e o sobrenatural.

6. José Antonio GARCÍA, “El hombre es creado para...” (EE 23). Carácter vectorial y autotranscendente del ser humano, Manresa 80 (2008) 5.

Temporal, para enfim mostrar como a primazia cabe sempre à Graça o que não dispensa, mas antes supõe a cooperação ativa e amorosa da pessoa na resposta à sua vocação.

Condição de possibilidade para toda vocação: O homem, um ser-dirigido-para-Deus

Normalmente, todo estudo sobre espiritualidade inaciana se abre com um comentário sobre o assim chamado “Princípio e Fundamento”, texto que inaugura o percurso espiritual do exercitante nos Exercícios: “O homem é criado para louvar, reverenciar e servir a Deus N.S.” (EE 23). Aqui encontramos a direção essencial a ser seguida na perspectiva inaciana.

Em precedência a uma vocação pessoal, existe uma *relação intrínseca do homem a Deus* que determina uma estrutura objetiva das relações entre os dois. A vocação não se apresenta como uma intromissão arbitrária de Deus na vida do homem, sem antecedentes, sem nenhuma preparação, sem uma disposição ou cumplicidade prévia.

De um ponto de vista lógico, o princípio fundamental que comanda toda a inteligência da vida espiritual e que revela o elemento constitutivo da existência humana é esse: o homem (todo homem) é criado! O chamado à existência afeta o ser do homem espiritual. É importante, portanto, conhecer qual é a concepção inaciana da condição da criatura⁵.

O ser humano tem gravado nele um caráter essencialmente *vectorial*, isto é, projetivo, inacabado, aberto, “eternamente futuro”⁶. Isso aparece claramente no texto dos EE: “O homem é criado PARA louvar, reverenciar e servir a Deus N.S. e mediante isso, salvar a própria alma” (EE 23). Esta orientação apresenta um sentido absoluto e manifesta o sentido da vida cristã, da vida de cada pessoa. Não existe uma vida espiritual sem a pergunta: “Qual é o sentido da minha existência? Qual é o termo da minha atividade? Qual é o fim da minha vida?”.

Todo homem se encontra diante da “insuficiência” radical da sua existência, do seu ser radicalmente inacabado e que ao mesmo tempo carrega dentro de si uma *abertura radical*.

Outra característica dessa consideração do fim é o seu caráter amplo: de fato, ela circunscreve toda a ordem natural,

inscreve-se no coração do homem e capta todas as forças possíveis fazendo-as convergirem para si: “As outras coisas sobre a face da terra são criadas para o homem a fim de que o ajudem a alcançar o fim para o qual foi criado” (EE 23). Portanto, essa visão inaciana significa uma *concentração* de todas as energias e faculdades do homem espiritual em vista dessa finalidade. Nada escapa a essa atração.

Outro aspecto tipicamente inaciano é esse: *Deus está na origem* de todo bem e de toda existência. Ele é o princípio ativo do qual provém todo ser no mundo. Para demonstrar esse princípio, bastaria lembrar aqui a chamada Contemplação para Alcançar o Amor (EE 232-238)⁷.

Nessa abertura radical, o Princípio e Fundamento já coloca o homem diante da necessidade de realizar uma eleição: deverá escolher entre todas as coisas criadas, somente “as que mais (*magis*) o conduzirem ao fim para o qual é criado”: portanto, já aqui se começa a gestar no coração da pessoa uma *docilidade à vontade divina*, em uma *relação positiva com as coisas criadas*, abrindo o horizonte inesgotável da liberdade criatural a uma *comunhão com um Deus Sempre Maior*. Deus deve ser encontrado em todas as coisas, pois estas são o âmbito indispensável da nossa adoração, desprendimento e serviço⁸. Mas esse deixar (as coisas) equivale a adotar uma atitude positiva com relação a elas e experimentá-las, na limitação delas, como valiosas e boas⁹.

“O Princípio e Fundamento não é outra coisa senão o esboço prévio e a preparação antecipada da eleição da segunda semana. A indiferença com relação às demais coisas criadas é o pressuposto indispensável para qualquer desejo de imitar fielmente a Cristo, e sem essa indiferença a eleição se converteria em algo prematuro, imaturo e muitas vezes irrealizável”¹⁰.

Essa situação evoca uma noção eminentemente inaciana: Deus chama o homem; e este toma assim consciência da sua vocação pessoal.

Deus chama, o homem responde:

O chamado divino atinge a pessoa no *mais íntimo* do seu ser. E não há nenhum motivo que possa justificar o porquê desse

7. Nesse exercício Deus se manifesta como sendo a fonte de todo dom (Primeiro ponto EE 234); em seguida como Aquele que mantém todos os seres na sua existência (Segundo ponto EE 235), assim como no agir deles, que não é outra coisa que uma participação no agir divino (Terceiro ponto EE 236), para enfim nos introduzir por assim dizer no coração da Divindade, fazendo-nos admirar “como todos os dons e bens descem do alto” (Quarto ponto EE 237).

8. Santiago Arzubialde, *Ejercicios Espirituales de S. Ignacio*, 120.

9. Karl Rahner, *Meditaciones sobre los Ejercicios*, Herder, Barcelona 1977, 22.

10. Hugo Rahner, *Zur Christologie*, 116.

11. Cf. Dt 7,7-8: “Não é porque sois mais numerosos que todos os outros povos que o Senhor se uniu a vós e vos escolheu; ao contrário, sois o menor de todos. Mas o Senhor ama-vos e quer guardar o juramento que fez a vossos pais. Por isso a sua mão poderosa tirou-vos da casa da servidão, e livrou-vos do poder do faraó, rei do Egito”. Seguindo a mesma linha de pensamento, ver Paulo em 1Cor 1, 26-28.

12. Carta a Catarina Fernández de 15 maio de 1554, *Gli Scritti di Ignazio di Loyola* (a cura di M. Gioia), UTET, Torino 1977, p. 1001-1002; *Epp* VI, 799-712).

apelo. A Sagrada Escritura revela a *gratuidade* de um chamado imprevisto, insistindo geralmente sobre o seu aspecto paradoxal. Basta lembrar aqui o chamado que chega a Abraão sem nenhuma prévia preparação (Cf. Gn 12). O livro do Deuteronômio também traz várias páginas onde insiste sobre o surpreendente favor divino¹¹: Deus estabelece uma Aliança quando Ele quer, com quem ele quer e nas condições que Ele quer.

Deus chama a um determinado estado de vida. *Cumprir a vontade de Deus em um certo estado de vida é, para Santo Inácio, obedecer à sua vocação*. Como ele escreveu em uma carta a Catarina Fernández:

“Agrade àquele que é a fonte de toda luz e de todo amor bem ordenado, aumentar nela o quanto começou a lhe comunicar com a sua infinita e suma liberalidade e concede-lhe a verdadeira consolação cristã de ver todos os seus filhos, cada um no estado ao qual Deus os chama, empenharem-se muito no seu serviço e no seu louvor, caminhando sempre retamente rumo ao fim último e bem-aventurado que Ele tem preparado para eles”¹².

Este breve texto é notável porque ele reúne em si todos os temas essenciais do pensamento de Santo Inácio sobre a situação do homem espiritual diante de Deus: Deus, fonte de toda luz e de todo amor, atrai o homem para o seu fim último e para conduzi-lo a esse fim, Ele indica a cada um o caminho que o conduz até lá, chamando cada homem por meio da sua vocação pessoal. A primeira preocupação do homem espiritual deveria ser a de esforçar-se por conhecer qual é a vontade de Deus sobre ele: ou seja, *a busca da sua vocação pessoal* para, uma vez descoberta, dedicar-se inteiramente em obedecer a ela.

A vontade de Deus sobre a vida de uma pessoa tem um *duplo aspecto*: por um lado existe *um fim radical*, válido para todos os homens, isto é, a felicidade de uma vida de louvor, reverência e serviço de Deus. Por outro lado — mais característico do pensamento inaciano — existe sempre um *caminho particular* pelo qual Deus quer conduzir a pessoa, caminho que constitui a sua vocação visível na Igreja. Por isso a importância concedida por Santo Inácio à escolha do estado de vida conforme a vontade de Deus é muito grande.

Essa vocação não se confunde, pura e simplesmente, com o apelo geral que Cristo lança a todos os cristãos, convocando-os a

um serviço insigne (como o apelo do Rei Temporal (EE 91-98). Mas acrescenta a esse chamado geral uma *intuição particular do Espírito*. Toda vocação pessoal procede de uma livre iniciativa de Deus: É Ele quem dispõe da nossa vida. A nós cabe cooperar com a moção e vocação divinas¹³.

Um elemento de *interioridade* caracteriza a vocação em sentido inaciano. A noção de reta intenção, tão importante para Inácio, torna-se agora *docilidade* ao apelo interior do Espírito. Inácio insiste em que a vocação pessoal não é necessariamente um apelo ao mais perfeito, pois qualquer estado de vida querido por Deus para uma pessoa constitui a sua vocação própria e verdadeira (cf. EE 135). Antes de pensar em outra coisa, o homem deverá afirmar a sua base de partida: a conformidade do seu estado de vida com a vontade do Pai.

No seu livro “Le Projet Spirituel”¹⁴, P. Charles Bernard tem um parágrafo importante onde desenvolve a noção de eleição a partir da rica variedade dos termos bíblicos:

“Toda intervenção de Deus na história é uma eleição: seja que Ele escolha um local para ali manifestar mais especialmente a sua presença, seja quando Ele escolhe um povo para realizar os seus desígnios, seja quando Ele escolhe um homem para ser seu representante ou mensageiro. O Deus do Antigo Testamento é Aquele que, na sua soberania universal, se manifesta na livre disposição que faz dela. O termo técnico para designar o fato da eleição é o verbo *bachar* que exprime uma escolha entre diversas possibilidades. Os aspectos particulares e os motivos profundos desta eleição são explicitados com a ajuda de outros termos que evidenciam um dos aspectos particulares da eleição: assim por exemplo o termo *gara* destaca a idéia do chamado; *ganah* e *hiqedish* denotam mais a questão da pertença; *hibedil* a noção de separação e de ser posto à parte e enfim *yadac* mostra que a eleição é acompanhada pelo interesse e pelo cuidado por aqueles que são o seu objeto”¹⁵.

Por que Deus escolhe? A questão se torna ainda mais premente quando consideramos que a eleição de um implica, ao que parece, a rejeição do outro. Se Israel é o Povo Eleito, então todos os demais povos da terra o que representam? Para Deus, contudo, a eleição de um não implica a exclusão ou

13. Cf. Constituições 144.

14. Charles-André Bernard, *Le Projet Spirituel*, PUG, Rome 1970, esp. pp. 31-38 e 107-116.

15. E. Jacob, *Théologie de l'Ancien Testament*, Delachaux Niestlé 1955, 164.

16. Cf. Charles-André Bernard, *Le Projet Spirituel*, 107.

17. Charles-André Bernard, *Pour mieux donner les Exercices Spirituels*, CIS, Roma 1979, 86.

18. Cf. Claude Flipo, *Les mystères du Christ dans le Exercices de Saint Ignace, Christus 24* (1977) 217.

19. Com o termo “sentir” tão básico para Inácio, se quer indicar na realidade a confluência dos sentidos corporais, dos afetos e do conhecimento. O processo dos Exercícios propõe toda uma “reeducação da sensibilidade” como caminho necessário para tornar estáveis e duradouras as decisões eminentemente racionais e afetivas do exercitante. Cf. Antonio Guillén, *Quién quiere imitar en el uso de sus sentidos a Christo nuestro Señor* (EE 248). *Sentidos y sensibilidad en los Ejercicios. Manresa 80* (2008) 48.

20. Javier Melloni, “Sentir”, in GEI, *Diccionario de Espiritualidad Ignaciana*, 1634.

rejeição dos demais. Ao contrário: *quando Deus escolhe uma pessoa é porque ele quer chamar todos os outros através da mediação daquele que foi escolhido*¹⁶. O Desígnio de Deus é sempre a união de todos.

O que é original da espiritualidade cristã é o fato de que, apoiando-se sobre a estrutura antropológica, ela nasce propriamente da consciência de um evento: *Deus se inclinou para o homem*, encarnou-se no seio da Virgem Maria para nascer em Belém. Por um ato de liberdade Ele irrompe na humanidade, interpelando o homem e convidando-o a responder livremente. O projeto espiritual vivido em uma relação pessoal entre Deus e o homem, estabelece-se a nível desse encontro e dessa *interpeção* na fé. Tal projeto se desenvolve *na participação ao Mistério vivido por Cristo*:

“A persuasão íntima e fundamental da fé cristã é que *a vida em Cristo, em todas as suas manifestações, ações e palavras, é a forma exemplar da nossa vida*. Devemos conformar a nossa vida àquela de Cristo em toda a sua extensão. Cristo é o *modelo* de serviço aos outros (Mc 10, 43-45); no amor fraterno (Jo 13,34; 15,12); modelo de humildade (Jo 13,14-15), de paciência nos sofrimentos (1Pt 2,20-21)”¹⁷.

A seleção e a ordem dos mistérios da segunda semana é organizada por Inácio em função das pessoas que vão se comprometer em uma eleição de estado de vida. Os mistérios a serem rezados cada dia são escolhidos de propósito para por em relevo a dialética da eleição em curso¹⁸.

O projeto espiritual alcançará o seu termo na *tomada de consciência de uma vida nova* suscitada pela presença ativa de Deus em nós. Requer-se *um novo “sentir”*¹⁹: por essa razão no fundo do conhecimento interno que Inácio repete e faz pedir continuamente nos Exercícios (EE 65,104, 139,233) está precisamente o pedido de uma nova sensibilidade: a “sensibilidade de Jesus”. Os Exercícios, nas palavras de Javier Melloni, apresentam-se como “uma aprendizagem, um aprofundamento e um discernimento desse sentir de Jesus”²⁰.

O conhecimento interno de Jesus, pedido ao longo de todos os Exercícios, é a garantia da nossa liberdade. Pois é da nossa sensibilidade que brotará a nossa práxis, e com razão intuimos

que se nossa sensibilidade for como a de Jesus, nossa práxis — que quer ser o fruto da nossa eleição “para mais amá-Lo e segui-Lo” — estaria sempre bem orientada²¹.

O chamado de Deus e a resposta na fé constituem um início cujas virtualidades se manifestam ao longo de um processo de transformação temporal que suscita uma consciência propriamente espiritual²².

A estrutura binária “Chamado-Resposta” configura um dos mais importantes exercícios do percurso do Mês Inaciano, que introduz o exercitante na Segunda Semana dos Exercícios: O Apelo do Rei Temporal. O seguimento de Jesus, ao qual introduzem os Exercícios da Segunda até a Quarta Semana, decide-se para cada um em particular no chamado pessoal de Cristo (EE 91 ss).

O exercício do “Apelo do Rei Temporal” gira sobre a resposta que deverão dar a esse chamado “os que mais quererão se afeiçoar” (EE 97), e sobre a eleição diante da qual nos coloca esse apelo: seguir a Cristo N.S.²³. Segundo a intuição de Inácio, esse apelo deve ecoar ao longo da contemplação da vida de Jesus, feita com espírito de indiferença, aberta a tudo, e conferirá a cada um, imprimindo-a nele por graça, a forma de vida que desce do alto, na qual ele pode, como matéria plenamente moldável por Deus, responder à sua vontade e assim “chegar em perfeição” na sua vida cristã” (EE 135)”²⁴.

Inácio, nesse exercício, supera o esquema tradicional da vida espiritual entendida como subida do homem até Deus, ao colocar a contemplação da vida de Jesus sob o signo do chamado (EE 91), determinando assim tanto o conteúdo da sua imagem de Cristo como “o Enviado” como o da imagem do ser humano como um “chamado”, um “enviado”:

“O envio exige um sim do homem; ato não menos importante que o ato de Deus que chama ao eleito... quando Deus fala pessoalmente, deseja que sua palavra não retorne a ele como um eco morto, mas que a sua criatura a devolva de modo pessoal ... O chamado procede do Pai e guia os chamados ao Filho, que é chamado pelo Pai desde toda a eternidade. Quando o Filho chama no mundo os eleitos, é na sua função de manifestador do chamado do Pai que o faz. Mas o Pai coloca os chamados na unidade do chamado único e eterno”²⁵.

21. Cf. Adolfo Maria Chércoles, *La afectividad y los deseos*. Eides 1995, 12-19.

22. Cf. Charles-André Bernard, *Le Projet Spirituel*, 31.

23. Hans Urs Von Balthasar, *Christlicher Stand*, 2ª ed. 1981, 7.

24. Cf. Hans Urs Von Balthasar, *Herrlichkeit. Eine theologische Ästhetik*. III/1/2. Im Raum der Metaphysik, Teil II, Neuzeit 1975, 2ª ed., 456.

25. Hans Urs Von Balthasar, *Estados de Vida del Cristiano*, 294-295.307.

26. José Antonio García, “El hombre es creado para...”, 9.

José Antonio García fala de uma *provocação* pessoal da nossa liberdade pela pessoa de Cristo: “É Jesus Cristo mesmo quem se dirige ao homem na sua abertura sempre inacabada solicitando o seu seguimento para uma empresa de salvação universal”²⁶.

O Chamado é considerado em duas sucessivas histórias: o Apelo do Rei Temporal, que ajuda a contemplar o chamado do Rei Eterno. A *atitude* do exercitante, que será a atitude-modelo daqui em diante, é expressa pela graça a ser pedida: “não ser surdo ao chamamento”. Portanto, trata-se de uma *vigilância receptiva, atenta e amorosa*.

A *composição de lugar* deste exercício é explicitamente *evangélica*, convidando a pessoa a ver os lugares da Galiléia por onde N.S. pregava. Mas em seguida o relato se interrompe, e o exercitante é chamado a *considerar* o “*hoje*” do apelo que recebe. Estrategicamente colocado nos umbrais da Segunda Semana, a etapa onde nos dedicaremos à contemplação da vida de Cristo tem uma importância fundamental: “tudo o que será contemplado no Evangelho terá uma dimensão de apelo”²⁷.

27. François Marty, *Sentir e saborear. Os sentidos nos Exercícios Espirituais de S. Inácio de Loyola*, Loyola SP 2006, 94.

É curioso que o “rei temporal” é caracterizado sobriamente como sendo alguém “*escolhido* pela mão de Deus N.S., diante do qual *prestam reverência e obedecem* todos os príncipes e todos os homens cristãos.” (EE 92). “Ser escolhido por Deus” é grande desejo que trazemos inserido nos nossos corações! Quase como se fosse a única coisa importante... Pois de que serviria todo o restante se não nos sentíssemos “convocados” por Ele para associarmos-nos a seu desejo insaciável de levar a Salvação a todos os confins da terra?

A “*reverência*” marca a atitude fundamental do Princípio e Fundamento: amor reverencial. E por fim a “*obediência*” que se traduz no serviço incondicional.

Outro pormenor do texto inaciano interessante para nós é o fato de que o rei temporal não propõe outra coisa senão o *partilhar integralmente da sua vida*: “quem quiser vir comigo deve se contentar de comer como eu, e assim de beber e vestir, etc” (EE 93). O “etc” quer dizer aqui “em tudo o mais”, “na totalidade da vida”. Quando em seguida fala do trabalho penoso, Inácio corrige o “como eu” do texto para “comigo”, o que muda a ênfase do texto da imitação para o *companheirismo*²⁸.

28. Cf. François Marty, *Sentir e saborear*, 96.

A palavra de Deus se revela livremente. E cada vez que isso se dá, o evento escapa ao controle e a qualquer previsão, tendo como origem a liberdade divina. A liberdade infinita de Deus escolhe, e a liberdade finita do homem é interpelada também a responder escolhendo a partir da sua liberdade²⁹. O homem se vê em uma situação onde é chamado a responder a um apelo do qual ele não sabe ainda as implicações imediatas. Deus não desvela inteiramente o seu Desígnio. Mas daquele pouco que ele consegue perceber deste Desígnio, uma resposta lhe é pedida e da qual não pode se esquivar.

O centro da atenção progressivamente se desloca do apelo para a resposta a ser dada, visando com isso ir gerando no coração do exercitante a generosidade. Assim que o exercício propõe um “Chamado”, “chamado” feito por Alguém: portanto, a relação que se propõe é a de um “face a face” íntimo³⁰.

“Quando em Loyola Inácio toma consciência de que um interlocutor divino quer se comunicar com ele, o primeiro que aparece no seu horizonte é Jesus Cristo, um Deus encarnado a quem quer servir, amar e seguir. A partir daí e até o final da sua vida Jesus se converterá para Inácio no “objeto do seu desejo”, no vetor da sua liberdade”³¹.

Duas serão também as possíveis respostas, que o exercitante deverá considerar para elaborar a sua³². Na *primeira resposta* (EE 96) o exercitante se compromete com o “trabalho”³³, trabalho que é penoso, algo duro e custoso³⁴.

Quando se trata da *segunda resposta* possível, aquela à qual Inácio quer mover o exercitante, o verbo utilizado é “afeiçoar-se”, verbo que insiste sobre a relação a uma pessoa: nos afeiçoamos a alguém. É um deixar-se tocar, ao nível da afetividade, não um mero sentimento, nem voluntarismo.

A *oferta final* (EE 98), em forma de oblação total da pessoa ao “Eterno Senhor de todas as coisas”, conduz à conformação³⁵ ao Nosso Senhor “se vossa Santíssima Majestade me quiser escolher e receber em tal vida e estado”. Volta o nosso querido verbo “escolher”! A expressão de Inácio “estado de vida” quer indicar que o apelo uma vez escutado deverá conduzir a um *compromisso* bastante radical para ser escolha de vida, com a *duração* que faz dele um “estado” de vida³⁶.

29. Cf. Nurya Martínez-Gayol, “Capítulo Preliminar”, in: Hans Urs Von Balthasar. Texto de los Ejercicios Espirituales. Selección y introducción por Jacques Servais. Mensajero-Sal Terrae, Santander-Bilbao 2009, 60.

30. Cf. François Marty, *Sentir e saborear*, 97.

31. José Antonio García, “El hombre es creado para...”, 8. O caráter essencialmente vetal do ser humano necessita de um modelo externo em quem inspirar seu próprio voo e percorrer a aventura do seu próprio ser-inacabado, de sua liberdade.

32. Hugo Rahner explica o porquê dessa dupla resposta assim: “A primeira consiste em oferecer-se; a segunda em distinguir-se. O homem da segunda resposta aspira a revestir-se da mesma liberdade do seu Rei”. Cf. Hugo Rahner, “Zur Christologie der Exercitien”, *Geist und Leben* 35 (1962) 126.

33. Os termos “trabalho”, “trabalhos” (EE 96. 97. 9. 51.93. 116. 206) indicam ao mesmo tempo a obra e os padecimentos e fadigas que ela implica. Cf. Claude Flipo, *La contemplation du Règne, Christus* n. 124 (1984) 81.

34. Jacques Lewis, *Conocimiento de los Ejercicios Espirituales de San Ignacio*, Sal Terrae, Santander 1987, 138.

35. Essa conformação vai sendo gestada à medida em que o exercitante adquire um maior conhecimento interno de Cristo (EE 104), crescendo no seu amor e

serviço. Cf. Brendan Callaghan, “Conformación con Cristo”, in GEI, *Diccionario de Espiritualidad Ignaciana*, 394.

36. Cf. François Marty, *Sentir e saborear*, 105.

37. Karl Rahner, *Betrachtungen zum ignatianischen Exerzitienbuch*, Munich 1965, 128.

38. Hans Urs Von Balthasar, *Gloria III*, 356.

39. Hans Urs Von Balthasar, *Homo creatus est*, *Skizzen zur Theologie V*, 1986, 33.

40. Hans Urs Von Balthasar, *Exerzitien und Theologie, Orientierung 12* (1948) 230.

41. Cf. Charles-André Bernard, *Le Projet Spirituel*, 32.34.

A resposta que Ele espera de nós é o comprometimento da própria existência na obediência a uma palavra que, simultaneamente, se revela ao homem. Nas palavras de K. Rahner: “Temos que dizer “sim” e aceitar a forma concreta da vida de Jesus”³⁷.

O teólogo Von Balthasar já escrevia que o conceito de “chamado” em Inácio está associado ao de “eleição” e ao de “envio”: “No livro dos Exercícios de Inácio, pela primeira vez na história da espiritualidade cristã, fica tudo pendente da eleição recíproca entre Deus e o homem, diante dessa consideração tudo o mais fica na sombra”³⁸.

E ainda: “Nos Exercícios (...) trata-se de uma eleição única, que põe em jogo a totalidade da vida que, portanto, não se pode revogar: uma eleição na qual encontro a minha própria identidade em Deus”³⁹.

“O ponto central dos Exercícios é a eleição. O encontro fundamental com Deus é encontro com um Deus que escolhe. Não com o Deus agostiniano do repouso para o coração inquieto, não com o Deus tomista da visão beatífica para o desejo natural e sobrenatural da visão, mas sim com o Deus que, com uma liberdade incompreensível na sua eleição, desce até o eleito para requerer dele, por cima e através de toda “inquietude” e qualquer “afã”, o serviço a seus fins imprevisíveis”⁴⁰.

Afirmada a *iniciativa* e a *precedência* de Deus, segue-se daí que a existência cristã deve ser sempre vivida em uma constante e fundamental *receptividade*. Somente assim irá se formando pouco a pouco uma personalidade cristã⁴¹. Aquele que acreditou em Javé entra em uma vida nova: “Sede santos, porque eu sou Santo” (Lv 19,2). Uma tal exigência retomará um renovado vigor quando o próprio Filho de Deus virá manifestar na sua carne uma conduta perfeitamente santa. Fixando o olhar em Cristo, Pedro escreverá:

“Como filhos obedientes, não vos conformeis aos desejos de um tempo, quando estáveis na ignorância mas, à imagem do Santo que vos chamou, tornai-vos santos, também em toda a vossa conduta, pois está escrito: *Vós sereis santos, porque eu sou santo*” (1Pd 1,14-16).

Deus escolhe com uma *finalidade*: Para a Escritura, é sempre em relação a um desígnio de salvação que se situa a vocação

seja do povo seja dos indivíduos escolhidos. No seu movimento relacional, toda vocação supõe primeiro uma vontade de Deus e em um segundo tempo a aceitação dessa vontade por parte da pessoa chamada. Cada um é chamado em primeira instância a encontrar a própria vocação, isto é, o posto reservado para ele, assinalado pela Providência divina: “de modo tal que qualquer coisa que eu escolha deve ser de modo que me ajude a alcançar o fim para o qual sou criado, sem subordinar nem trazer o fim ao meio, mas o meio ao fim” (EE 169). De fato, na linguagem inaciana, a eleição consiste em procurar, encontrar e abraçar a vontade divina sobre a própria vida. Em outras palavras, trata-se de descobrir qual é o desígnio salvífico sobre si mesmos⁴².

Aquilo que da nossa parte aparece como eleição, como um ato da nossa liberdade, é fundamentalmente o nosso acordo com um Desígnio divino que nos precedeu. Trata-se na verdade de um *reconhecer* esse chamado de Deus na nossa vida, o apelo de Cristo que nos chama a participar de sua missão nos tornando seus companheiros⁴³.

O cristão é convidado a perseguir o seu projeto espiritual considerando a história humana como uma verdadeira mediação uma vez que Deus realiza ali o seu desígnio de salvação. Nesse sentido falar de “vocação pessoal” não significa somente a realização de cada pessoa, mas também o modo como cada pessoa contribui para a realização de todos. O projeto espiritual só se realiza mediante as relações de conhecimento e de amor que se constituem entre o homem e Deus. Tal projeto quer realizar a infinidade do desejo em uma relação pessoal, relação que supõe sempre a fidelidade, a confiança e a troca recíproca de amor⁴⁴.

Ação do Espírito e empenho pessoal em colaboração

Iniciativa, gratuidade do dom divino por uma parte, e cooperação real e eficaz do homem por outra parte, eis os dois polos sobre os quais gira a existência humana⁴⁵.

Os santos — e neles se revela esplendidamente o estilo de Deus nas suas comunicações às criaturas — adotam diante da antinomia liberdade-graça uma atitude que contrasta com a dificuldade inerente às soluções meramente teóricas. Para eles, não existe nenhum problema de ordem prática. Guiados pelo

42. Cf. Charles-André Bernard, *Pour mieux donner les Exercices Ignatiens*, 18.

43. Inácio fala de “eleição” como um ato unitário, sem distinguir entre o ato divino e o ato humano, apontando tão somente para o compromisso que o homem escolhe o que Deus escolheu para ele, e esteja preparado para a tal eleição. Essa preparação supõe uma decisão inquebrantável de abraçar a vontade divina. Cf. Cf. Nurya Martínez-Gayol, “Capítulo Preliminar”, 60-61.

44. Cf. Charles-André Bernard, *Le Projet Spirituel*, 132.

45. Ángel Tejerina, *Deseo, atención y docilidad a las gracias y dones divinos en los Ejercicios de San Ignacio*, *Miscelánea Comillas* 26 (1956) 133.

Espírito Santo, eles passam os dias neste mundo dedicados por inteiro à tarefa de ajustar a vida deles a um princípio interior que poderíamos enunciar nas duas proposições seguintes:

1) Suposta a prioridade absoluta de Deus na obra da nossa santificação e a cooperação efetiva do homem, deve-se afirmar categoricamente que um só pode falhar, isto é, o lado humano. Impõe-se da nossa parte o máximo trabalho pessoal para colaborar com Deus na sua obra de santificação.

2) Este trabalho deve ser concebido, segundo os santos, na forma de *fidelidade* ao mesmo Deus. Fidelidade que em cada instante concreto, no qual Deus dialoga com a alma e desvela a ela o que Ele exige dela ou prefere neste momento determinado. Exigências e preferências divinas que postulam da alma uma disponibilidade incondicionada ao beneplácito divino, uma atenção diligente às mais tênues manifestações da vontade de Deus e desejos ardentes de realizá-las.

A pretensão de buscar, achar e abraçar a vontade de Deus por meio dos EE supõe uma certa *confiança* na atividade da *liberdade* humana subordinada à *graça* de Deus. Nos escritos de Inácio, raramente o verbo “buscar” tem um valor trivial: trata-se quase sempre de uma busca de natureza espiritual. O que leva a buscar é um desejo profundo da alma, tenaz e veemente, como aquele expresso pelo mesmo Inácio na sua Autobiografia: “um coração generoso e entusiasmado por Deus” (Aut. 9)⁴⁶.

Inácio é consciente da dificuldade de combinar, na ordem prática, liberdade e graça, e não obstante isso, ele não atenua nenhuma das expressões que poderiam parecer um puro voluntarismo. Ele exige ânimos esforçados: O exercitante não deverá retroceder diante de uma *linguagem exigente* e até mesmo às vezes *heróica*: combates, assaltos (EE 327), batalhas, ofensivas (EE 12,13), defesas (EE 327), conquistas (EE 93,95), inimigos mortais (EE 136), derrotas, vitórias (EE 13), são termos que se repetem cada dia e cada hora durante os Exercícios.

Desde os primeiros dias, o exercitante deverá adequar-se a um horário rigoroso e detalhado (EE 6), deverá estar sempre alerta para não consentir em faltas e negligências nem mesmo as mais leves (EE 160); deverá mortificar-se no comer (EE 83) e no sono (EE 84), fazer penitência (EE 85), refrear a vista, privar-se da luz quando necessário (EE 79). Não poderá falar (EE 20) nem rir a seu bel prazer (EE 80), nem mesmo dar curso livre aos

46. Dominique Salin, “Buscar”, in GEI, *Diccionario de Espiritualidad Ignaciana*, Mensajero/ Sal Terrae, Santander/Bilbao 2007, 250.

seus pensamentos (EE 78) ou à sua imaginação (EE 74). Deverá empregar longos tempos em considerar temas desagradáveis (EE 45), examinar-se em muitas maneiras (EE 27-44), expor-se à ação de vários espíritos (EE 315), que entrarão na sua alma e chegarão a submergi-la em um mar de dúvidas e escrúpulos (EE 349), na tempestade da desolação (EE 317). Mais ainda, o exercitante deverá estar disposto a renunciar ao seu próprio “eu”, sacrificando o que existe de mais pessoal e intransferível do homem, o amor à estima e ao aplauso dos outros, as tendências desordenadas mais íntimas do seu ser, que arrastam a sua natureza viciada (EE 147, 157, 159, 168, 199). E tudo isso em uma luta contínua, consciente e ágil, capaz de mudar em cada instante a tática concreta (EE 9, 18).

Inácio nunca viu uma antinomia entre o agir de Deus e o agir humano. Para demonstrar isso, bastaria recordar que o ato mais elevado de todos os Exercícios é ao mesmo tempo uma busca da vontade de Deus sobre o exercitante e a revelação desta vontade e também um ato que tende à perfeita liberdade, através de uma determinação purificada de toda paixão:

“Eterno Senhor de todas as coisas, eu faço a minha oblação, com o vosso favor e ajuda, diante da vossa infinita bondade e diante da vossa Mãe gloriosa e de todos os santos e santas da corte celeste: *eu quero e desejo* e é minha decisão firme, desde que seja para o vosso maior serviço e louvor, imitar-vos em suportar todas as injúrias e todo desprezo e todo tipo de pobreza, tanto atual como espiritual, desde que a vossa santíssima majestade me *queira escolher* para tal estado de vida” (EE 98).

Se é verdadeiro que o Apelo do Rei eterno é para todos, é igualmente verdadeiro que não se pode em nenhum caso esquecer da necessária cooperação do homem à obra da salvação. A ação de Deus, ao invés de suprimir a cooperação humana, na verdade ela a suscita. À ação divina respondemos com nossa ação humana: Deus deseja que o nosso amor, pelo seu próprio impulso, nos leve até Ele. Todas as coisas recebem significado a partir desse movimento da alma para Deus: “As outras coisas sobre a face da terra são criadas para o homem a fim de que o ajudem a alcançar o fim para o qual é criado” (EE 23).



47. Se esse conhecimento é um dom, deve ser antes de mais nada percebido com surpresa. O que se está aqui pedindo é a graça de perceber a realidade benéfica que me rodeia como um presente pessoal que me deve levar a uma resposta cheia de gratidão. Cf. Adolfo Maria Chércoles, “Conocimiento interno”, in GEI, DEI, 404.

48. É surpreendente ouvir estas palavras de um homem que é tido por muitos como um inveterado voluntarista, mas que pelo contrário atribui a maior importância aos movimentos da alma e àquilo que nela é produzido. Recordemo-nos da Anotação 15 dos Exercícios onde Inácio insiste que aquele que dá os Exercícios deve deixar que Deus trate diretamente com a alma, o Criador com a sua criatura. E também afirma que “não está em nós o procurar-nos ou ter grande devoção, amor intenso, lágrimas e qualquer outra consolação espiritual, mas tudo isso é dom e graça de Deus N.S.” (EE 322).

Por esse motivo, uma das atitudes fundamentais do homem deve ser a escolha, a eleição: ele deve desejar e escolher “só o que mais conduz ao fim para o qual somos criados”.

O Senhor me chama, mas a mim cabe saber responder ao Amor com amor: devo pedir “conhecimento íntimo pelo tanto bem recebido, para que, tornando-se plenamente consciente disso, eu possa em tudo amar e servir a sua divina Majestade” (EE 233)⁴⁷.

O Primado da graça na alma

A experiência espiritual radica-se na realidade da vida da graça. Por isso Inácio, quando descreve o que é a consolação espiritual, faz notar que ela sempre faz crescer as virtudes teológicas: “é todo aumento de fé, de esperança e de caridade” (EE 316). E mesmo quando a pessoa se encontra mergulhada na aridez da desolação espiritual, não deixa ele de observar que “não lhe falta nunca a graça suficiente para a sua salvação eterna ou para resistir ao inimigo” (EE 324).

O auxílio divino permanece sempre, ainda que pode acontecer que a pessoa não possua uma clara consciência dele (“aunque claramente no lo sienta”) (EE 320). Em qualquer nível que se examine a vida espiritual, ali sempre encontraremos Deus operando. Como já escrevia Inácio a Pedro Canísio: “Deus é quem cria em nós o querer e o fazer, em virtude de seu beneplácito” (Epp. I, 390)⁴⁸.

O homem pode somente *dispor-se* a aceder ao plano sobrenatural. Na décima parte das Constituições, Inácio nos apresenta um texto muito forte sobre isso, onde ele nos faz ver que *os meios humanos recebem a sua eficácia da ordem sobrenatural*:

“Para manter e desenvolver não somente o corpo, isto é, o exterior da Companhia, mas também o espírito, e para realizar o objetivo pretendido, que é ajudar as almas a atingir o seu fim último e sobrenatural, os meios que unem o instrumento com Deus, e o dispõem a deixar-se conduzir fielmente pela mão divina, vencem em eficácia os que o dispõem com relação aos homens. Tais são a bondade e a virtude, e especialmente a caridade e a pura intenção no divino serviço, a familiaridade com Deus Nosso Senhor nos exercícios espirituais de devoção, e o zelo sincero das

almas, sem procurar outro interesse senão a glória d'Aquele que as criou e resgatou. Deve, portanto, procurar-se que todos os da Companhia se deem às virtudes sólidas e perfeitas e às coisas espirituais às quais não há de ligar mais importância do que à ciência e a outros dons naturais e humanos. Pois são os dons interiores que devem dar eficácia aos exteriores com relação ao fim que se pretende” (Const. 813).

Nada mais claro para Inácio do que o fato de que a disposição do homem para se tornar um instrumento perfeito de Deus nasce da sua vida interior: não há eficácia apostólica sem união a Deus na interioridade⁴⁹. Inácio sempre esperava de Deus o fruto a ser obtido em cada exercício espiritual.

Nas Constituições, quando se fala da admissão ao Instituto da Companhia, afirma-se que tal Instituto quer ser um instrumento para ajudá-lo a receber a graça de Deus: “Quanto à vontade: tenham o desejo de toda virtude e perfeição espiritual; sejam serenos, constantes e corajosos nas iniciativas para o serviço de Deus, zelosos pela salvação das almas, e por isso afeiçoados ao nosso Instituto, que está diretamente ordenado a *ajudá-las a dispô-las* a conseguir o seu único fim das mãos de Deus Nosso Criador e Senhor” (Const. 156).

Se consideramos ainda o ponto dos EE onde Inácio pareceria dar a maior autonomia às faculdades humanas — falamos aqui do terceiro tempo de eleição — veremos que mesmo nessa situação Inácio não se esquece de lembrar ao exercitante que procure sempre pedir a Deus que mova a sua vontade (EE 180). Também no segundo modo de fazer eleição pelo terceiro tempo, Inácio antes de mais nada pede ao exercitante de buscar sempre em primeiro lugar “a moção do amor de Deus” (EE 184). Além de tudo isso, sempre no terceiro tempo se deseja ao final que se peça uma confirmação por Deus, pedido que indica a humilde determinação do homem que se reconhece incapaz de buscar a vontade de Deus sem a graça e a luz do Senhor.

Esta mesma convicção de que se o homem se dispõe, Deus não lhe faltará com a sua graça está já presente nas *Anotações* que abrem o livro dos Exercícios e que servem para criar a atmosfera ideal aonde se desenrola a experiência espiritual do exercitante. De fato, na última delas, a vigésima, Inácio escreve: “quanto mais a nossa alma se encontra sozinha e isolada, tanto mais

49. Cf. Charles-André Bernard, *L'homme spirituel selon Saint Ignace. Pro manuscrito*, 32. O manuscrito encontra-se nos Arquivos da Comunidade religiosa da PUG, em Roma. É datado de 1956 e possui 90 páginas. Seguiremos a numeração originalmente encontrada nas páginas. A tradução ao português é nossa. Uma parte deste texto foi publicada no terceiro volume da sua obra “Le Dieu des mystiques”, ao tratar da espiritualidade inaciana.



50. Géza Kovacs (ed.), *Exercícios Espirituais*, Porto Alegre 1966, 15, nota 1.

ela se torna capaz de aproximar-se e de se unir ao seu Criador e Senhor; e quanto mais assim se une, tanto mais se dispõe a receber graças e dons da sua divina e suma Bondade” (EE 20).

Para Inácio trata-se de um princípio universal. Assim lemos também nas Constituições: “Em geral, quanto mais alguém se unir a Deus N.S. e mais se mostrar generoso para com ele, mais estará preparado para receber Dele, dia após dia, maiores graças e dons espirituais”. (Const. 283).

Portanto, seria ser infieis ao espírito de Santo Inácio agir como se o progresso da vida espiritual não encontrasse a sua fonte em Deus mesmo. Isso não quer dizer que se deva descuidar da colaboração necessária, da correspondência à graça. Mas é preciso sempre manter essa visão de fé de que tudo desce do alto, reservando por assim dizer a possibilidade para Deus de tomar a iniciativa na nossa vida espiritual: o Espírito sopra onde quer! Inácio o sabia muito bem por experiência própria.

Docilidade às graças: Ao mesmo tempo Inácio pretende salientar que é sob a ação do Espírito Santo que o exercitante descobre, progressivamente, o seu próprio caminho, designado por Deus para ele. É o Espírito Santo o ator principal da experiência humana.

O P. Géza descreve assim a presença e a atuação do Espírito Santo no exercitante:

“Os EE são no seu conjunto orgânico uma Pedagogia sobrenatural na qual o Espírito instrui, move, nutre o exercitante, orientando-o para uma vida divina sempre mais florescente. O crescimento na graça ultrapassa absolutamente as exigências e as forças naturais do homem: nem a inteligência nem a vontade pelo seu próprio esforço podem elevar o exercitante à esfera luminosa da graça. Só o Espírito Santo é capaz de introduzir na comunhão com o Deus vivo, por meio da inserção progressiva em Jesus Cristo, comunicando-lhe uma satisfação espiritual interna”⁵⁰.

Segundo Inácio, tudo o que existe de bom neste mundo *provém de Deus*. A obra de santificação compete primariamente a Deus. É somente Ele quem pode entrar e sair da alma, movê-la e atraí-la a si, inflamá-la de amor, conforme a sua vontade (EE 330). É próprio de Deus comunicar-se à sua alma devota, abrasando-a no seu amor e louvor, dispondo-a no caminho do seu maior serviço (EE 15). Seja nos EE ou mesmo fora deles,

todo o bem é dom e graça de Deus, N. Senhor (EE 322) e faz parte da tática divina o dialogar com a alma de modo que o homem seja consciente plenamente (EE 25) de que os dons e graças divinas não são, de modo algum, alcançados devido ao trabalho ascético da alma⁵¹.

O método inaciano conta sempre com a graça de Deus, a busca sem cessar, tem como norma a máxima fidelidade à graça de Deus e se reduz na prática ao dispor a pessoa para poder receber os dons divinos.

Santo Inácio conta previamente com a graça divina quando pede ao exercitante o esforço de cooperar com o uso da sua liberdade. Tal auxílio divino sempre lhe resta, ainda quando as aparências digam o contrário e a alma deva passar pela noite escura da desolação (EE 320)⁵². Resta-lhe, porque o possuía antes! Aplicando este princípio geral, Inácio afirma que a graça e o auxílio de Deus são requeridos seja para conhecer os próprios pecados como também para corrigir-se deles (EE 240, 243). Assim que dentro do trabalho indagador e a dor por reconhecer o próprio pecado (feitos com a assistência gratuita de Deus (EE 25, 44), manda propor emendar-se “com a sua graça” (EE 43).

O santo não se contenta em solicitar esta graça que podemos chamar de “geral”. Cada exercício conta além disso com um preâmbulo, a chamada petição, destinada a solicitar uma graça particular, que se identifica precisamente com o fruto particular que se quer obter por meio deste exercício. Do mesmo modo que a oração preparatória, tal pedido de graça não se pode nunca omitir. Se isso já não bastasse, Inácio recomendará ainda ao exercitante pedir a graça nos colóquios (EE 54): ele fala de pedir “alguma graça”. “Alguma”, indeterminada, para deixar a alma livre no seu dialogar com Deus; “segundo o que se busca” (EE 109), conforme a ação de Deus nela.

Ribadeneyra, um dos confidentes mais íntimos de Inácio, assegura que “nas coisas do serviço de Deus N.S. que empreendia, [Inácio] usava de todos os meios humanos para sair com elas, com tanto zelo e eficácia como se o bom êxito dependesse deles; e de tal modo possuía uma confiança total em Deus e na sua Divina Providência de modo a considerar que todos os meios humanos que tomava não fossem de nenhuma utilidade”

51. Como se pode ver na carta que Inácio escreve a S. Francisco de Borja, mostrando que Deus precede toda ação da criatura, a Ele se deve todo o bem, *MHSI, M.Ig. Epist. I*, p. 346s. *Anche Epist. I*, p. 95, 98, 148; *II*, p. 234-235; *IV*, 561-562; *IX*, 145, 667; *X*, 156; *XI*, p. 191; *XII*, 322.

52. Ángel Tejerina, *Deseo, atención y docilidad a las gracias y dones divinos en los Ejercicios de San Ignacio*, *Miscelánea Comillas 26* (1956) 141.



53. Vicente Catalá, “Confianza”, in GEI, *Diccionario de Espiritualidad Ignaciana*, 388.

54. Ignacio Iparraguirre, *Armonía sobrenatural de la acción de Dios y del hombre en San Ignacio de Loyola. Estudios Eclesiásticos* 30 (1956) 344.

55. *Abundante*: MHSI, *Epp. Ign.* IV, 31; VI, 572; VIII, 565, 557, ecc; *Muito abundante*: IX, 550; X, 212; *suma e abundante*: X, 667; *copiosa*: II, 374; *muito especial*: I, 574; *inestimável*: II, 344.

56. *Epp. Ign.* I, 514; VIII, 555, 557; II, 258; X, 668; XII, 325; IX, 39.

57. Ignacio Iparraguirre, *Armonía sobrenatural de la acción de Dios y del hombre...* 345.

58. Pode-se ver Ignacio Iparraguirre, *Visión Ignaciana de Dios, Gregorianum* 3 (1956) 366-390.

59. Ignacio Iparraguirre, *Armonía sobrenatural de la acción de Dios y del hombre...* 347.

60. *Epp. Ign.* IV, 94; IX, 550.

61. *Epp. Ign.* I, 194, 244.

(MHSI, *Scripta de St. Ignacio I*, 466). Devemos usar também dos meios humanos, mas “sempre desejando em todas as coisas a maior glória de Deus e o seu louvor e nenhuma outra coisa” (Carta de Inácio a S. Francisco de Borja de 17 de outubro de 1555, *Epp IX*, 627)⁵³.

A concepção inaciana de “graça” é dinâmica, e a ele interessa muito mais mostrar os efeitos práticos da graça na alma, isto é, como Deus vai santificando as almas⁵⁴. O santo pressupõe a abundância destes dons para avançar no áspero caminho da santidade. Sem estes dons, a alma desfalecerá ao longo do caminho. Inácio nas suas cartas não poupará adjetivos para descrever esta graça multiforme: “abundante”, “muito abundante”, “suma e abundante”, “copiosa”, “muito especial”, “inestimável”⁵⁵. Tal abundância se reflete em uma outra dimensão afim: a continuidade com que o Senhor vai distribuindo estes favores celestiais: concede-os “continuamente”, “sempre”, “perpetuamente”⁵⁶. Inácio quer com isso infundir confiança na alma escolhida por Deus para ser santa e assegurar-lhe que uma consequência do ter sido escolhida é o ter assegurado da parte de Deus este eflúvio de graças abundantes⁵⁷ que o “Senhor nosso pela sua infinita Bondade nos concede costumeiramente” (*Epp. Ign.* I, 339).

Para entender esta posição inaciana é preciso tomar em consideração a sua concepção de *Providência* divina⁵⁸: Deus nos escolheu para sermos colaboradores seus na realização do seu plano de salvação. E tal desígnio salvífico não pode falhar: “A minha esperança no Senhor Nosso não se frustrará, se a sua divina graça cooperar” (*Epp. Ign.* I, 148). Eis o fundamento da confiança de Inácio: nós somos criaturas de Deus.

“Eu creio e espero no Senhor nosso, sem poder duvidar, que pela sua infinita e suma Bondade ... Ele se dignará a dar-nos a sua graça costumeira ... para que possamos sempre caminhar adiante no seu serviço, louvor e glória” (*Epp. Ign.* I, 244.).

Um outro aspecto característico da concepção inaciana de graça é que esta se realiza na alma em um crescimento contínuo⁵⁹. Além do que, Inácio insiste que Deus concede esta graça “em tudo”⁶⁰: assim fala de “graça inteira”, “inteiro favor e auxílio, “graça cumprida”, expressão com a qual termina normalmente as suas cartas⁶¹.

Conclusão: Passividade e atividade na descoberta da vocação pessoal

Inácio concede enorme importância ao esforço natural que consiste no uso dos meios que Deus dá aos homens em vista do seu fim último. Este uso manifesta a vontade do homem, o seu desejo sincero — *id quod volo* — de responder efetivamente aos apelos divinos da criação, da redenção, da fé e do amor. Por outra parte, Inácio coloca toda a sua confiança em Deus, autor de todo dom, de toda graça e auxílio indispensável de toda resposta livre do homem⁶².

Em uma carta ao P. Juan Alvarez, Inácio escrevia que:

“Aquele que coloca em Deus todo o fundamento da sua esperança e para o seu serviço se serve com solicitude dos dons que Ele dá, internos e externos, espirituais e físicos, pensando que a sua potência infinita operará, com ou sem esses, tudo o que lhe agradar. Quando se atua retamente para o seu amor, usar dos bens humanos não é dobrar os joelhos a Baal, mas sim a Deus, que é reconhecido como autor não só da graça mas também da natureza” (Carta a P. Juan Alvarez, *Epp* II, 478-484).

Portanto, aquele que dá os EE recorre sem cessar aos chamados “meios humanos” e os propõe ao uso do exercitante. Tais meios humanos são numerosos e minuciosos nos Exercícios, mas devem sempre ser utilizados como a concretização de um movimento interior sustentado por Deus, e como manifestação de um desejo sincero, fiel e ordenado de oferta de si mesmo. A minha fé em Deus, autor da graça e da natureza, deve se exprimir na minha atividade humana, fiel e inteligente, do mesmo modo como esta se funda absolutamente na onipotência divina⁶³.

Se queremos ajudar o exercitante a fazer uma boa eleição, a primeira coisa a fazer é ajuda-lo a *se dispor com todo o seu ser à ação gratuita de Deus*. Por este motivo não se pode esquecer em momento algum que os EE são uma experiência de oração. Mas isto está longe de ser algo evidente. Para muitas pessoas, se reduzem a aprender variadas técnicas e métodos. É por meio da *oração* contínua e perseverante que toda a atividade do exercitante se ordenará ao espiritual. Os mínimos pormenores materiais não escaparão a esta orientação: eles somente preparam e em

62. Cf. Gilles Cusson, *Pédagogie de l'Expérience Spirituelle Personnelle*. Montréal/Paris 1968, 139.

63. Cf. Gilles Cusson, *Pédagogie de l'Expérience Spirituelle Personnelle*, 140-141.

seguida sustentarão o clima da oração, assegurando as condições do seu sucesso e prolongando os seus frutos.

Por meio da oração a alma pode aprofundar o seu conhecimento do mistério divino, a inteligência pode discernir claramente a lógica da pedagogia divina. Portanto, na espiritualidade dos EE, os aspectos místicos e ascéticos se conjugam. Somente se “encontra” quando se “busca com diligência” (EE 20b), pondo em ação os meios aptos (EE 89) e dispondo a alma (EE 1,7,18,213). A prioridade da graça deve ser exaltada: tudo vem do alto, de Deus, mas com uma submissão ativa da liberdade, a qual também vem de Deus (EE 234). Tal síntese se encontra no exercício final dos EE, a chamada Contemplação para alcançar o amor, onde o exercitante começa dizendo “tomai, Senhor e recebei toda a minha vontade, toda a minha liberdade, o meu entendimento” mas ao fim da mesma oração acrescentará: “Dá-me somente a tua graça, que esta me basta” (EE 234): é a disponibilidade total de quem espera tudo de Deus!⁶⁴

64. Cf. Jacques Lewis, *Cocimiento de los Ejercicios Espirituales de San Ignacio*, Sal Terrae, Santander, 108.

O que vem em primeiro lugar, sempre, é a presença e a atuação radical da graça de Deus. Inácio por isso insiste que o exercitante, em cada momento do percurso dos Exercícios, suplique pela graça (EE 48) e nos colóquios peça à Virgem para interceder junto ao Filho a fim de obtê-la do Pai. Só ao Pai pertence conceder a graça: Ele é a fonte primária. E Deus quer conceder estas graças de modo abundante, mas, da nossa parte, devemos nos esforçar:

“Por amor de Deus N.S., esforcemo-nos Nele, pois Lhe devemos tanto: muito mais nós nos cansamos de receber os seus dons do que Ele de dar-lhos. Agrada a N. Sa. interpor-se entre nós pecadores e o seu Filho e Senhor para nos obter a graça que os nossos espíritos fracos e tristes sejam transformados, e com o nosso fatigoso empenho, em fortes e alegres para o seu louvor” (Carta a Inês Pasqual – 6 de dezembro de 1524 – *Epp* I, 71-73).

Como já escrevia Santo Inácio no Proêmio das Constituições: “A suave disposição da Providência exige a cooperação das suas criaturas” (Const. 134). Aquilo que vale para todo o corpo da Companhia vale ainda para cada um dos seus membros e para todos os homens e mulheres espirituais: “É preciso colaborar com engenhosidade e diligência com a graça de Deus!”⁶⁵.

65. Carta aos estudantes jesuítas de Coimbra – 7 maio 1547, *Gli Scritti di Ignazio di Loyola*, p. 819 – *Epp* I, 495-510.

Assim fazendo, suplicando sempre a graça de conhecer mais a Jesus intimamente, iremos “empapando-nos da sua forma de ser e de sentir, de vibrar com tudo aquilo que O fazia vibrar, detestar tudo o que Ele detestava, e deste modo reagir diante da realidade e das pessoas do mesmo modo como Ele reagiria”⁶⁶.

Deste modo, realizaremos nossa vocação pessoal, configurados com Cristo, identificados com o seu modo de proceder, prolongando na História concreta da nossa vida a sua missão de conduzir tudo a Deus, na reverência humilde, no louvor maravilhado e agradecido e em um serviço generosamente prestado na Igreja.

66. Antonio Guillén, *Sentidos y sensibilidad en los Ejercicios*, 49.



Jovens jesuítas no dia dos seus Primeiros Votos (São Leopoldo, RS, 20 de janeiro de 2011)